

Aos seus assignantes e leitores
A Redacção do AZULEJOS

Deseja festas felizes



CHRONICA LIVRE

Venho duma piedosa digressão pela papelada velha. Que de recordações carinhosas! que de saudades mortas! Oh! que ninguém pense que é impossível tornar a viver a vida que se foi... Pois quem haverá que não conserve de longinquas datas o retrato duma pessoa que lhe foi extremecida, a carta mais captivante dum mestre, o anel mais loiro e mais formoso de quantos loiros e formosos adornavam a gracil cabecita da irmã que é já senhora, a fita cõr de rosa furtada com um beijo ao amor primeiro, os quadrilongos de papel já amarellecido onde se compoz a primeira quadra para o fado, onde se traçou, ainda com mão pouco firme, o pensamento-inicio, a phrase de partida—?!

E no retrato não estará bem nitido, bem vivo, todo um mundo de recordações e de imagens?

E na carta não reviverá aquelle tempo risonho da mocidade escolar, tam simples, tam ingenua, tam feliz quam irrequieta, buliçosa e traquinas?

E na pequenina trança loira, não se fruirá de novo a graciosidade da pequerrucha que era a alegria, o calor e a luz do lar?

E a fita cõr de rosa, esse lacinho pequeno, cuja falta foi desmanchar o bello conjuncto dum provavel enfeite de vestido, não terá elle em si a revivescencia de todo o louco entusiasmo, de toda a immensa felicidade de que está repleto o amor primeiro, o amor e estrea, o amor do collegial?

E nos boccados de papel—Oh! nesses sobretudo— não palpitará ainda aquelle desmedido orgulho com que o garoto de calção e boné á maruja julgando-se homem já e já philosopho ou já poeta pegou da pena e duma tira de papel em branco para garatujar o seu primeiro dezenho, para rabiscar a sua primeira obra poetica, para tentar o seu primeiro vôo pelas regiões mysteriosas da philosophia—?

Oh! ninguém pense que é impossível tornar a viver a vida que se foi...

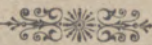
Para mim é uma distração, é uma delicia revolver sem ordem nem methodo esses pequenos nada que eu guardei como reliquias. Sentir a cada instante uma commoção e augmenta-la

ainda; ler de quando em vez uma phrase incorrecta, talvez, um pensamento hesitante, sem duvida, e fazer ainda a cada um delles um commentario... como é bom e como me recompensa do amargor da vida presente!

E surgem então os planos. Os pensamentos ham-de formar um pequeno e modesto album; depois os retratos constituiram outro mais agradável e artistico; depois os «recuerdo» e as «lembranças» teram uma caixa especial; e depois... e depois...

Ponto aqui ao devaneio... mas que ninguém pense que é impossível tornar a viver a vida que se foi!

EDMUNDO D'OLIVEIRA.



ESTUDOS DE OCCULTISMO

FACTOS ANALOGICOS

Na vida do auctor de este estudo, os acontecimentos repetem-se analogicamente todos os doze annos. A este periodo de doze annos chamaremos *cyclo analogico*; e de elle podemos dizer que marca uma phase typica da vida individual. Quando ha uma mudança de vida, é no principio do cyclo que de preferencia ella se produz. Quando pela primeira vez nos encontramos no campo onde se trava a luta pela vida, o começo da carreira conta-se como inicio do cyclo. Se encorremos na lei de reacção e perdemos o emprego ou modo de vida que possuíamos, é n'esta conjunctura que se organiza um modo de vida inteiramente novo.

Não quer isto dizer que de doze em doze annos haja rigorosamente uma mudança no genero de vida do individuo, mas quando esta mudança tem logar, de preferencia ha de produzir-se no principio de um cyclo.

Durante este periodo de doze annos, é o individuo constantemente submettido a provações; para o obrigar a exteriorizar o amor que em si mesmo concentrara. Impõe-se-lhe cada provação sob a forma de um dilemma—o Bem e o Mal; ha porem uma epoca que esse problema lhe ha de ser proposto de uma maneira perentoria, e da resolução do qual dependerá essencialmente a sua vida futura. Se anteriormente o individuo havia resolvido satisfatoriamente os diversos problemas do Bem e do Mal que lhe haviam sido propostos, em ponto pequeno, em miniatura, seguindo o Bem e regeitando o Mal, facilmente resolve agora o problema proposto e segue

decididamente o caminho do Bem, sem custo, sem tergiversações e de boa vontade. Então por mais extravagante que nos pareça, por mais difficil que possa conceber se a sua possibilidade, vão em breve produzir se acontecimentos em virtude dos quaes obterá elle a recompensa dos seus actos, a qual começará com o inicio do novo cyclo e vae demorar-se por todo o duodenario.

Se pelo contrario o individuo escolheu voluntariamente o Mal, por lhe parecer que seria esse o meio mais seguro do obter a felicidade, para o resto da sua vida, mais tarde ou mais cedo virá o desengano, e a lei por elle violada provar-lhe-ha praticamente quão erradas eram as suas pretensões.

Ha contudo casos, como já vimos quando tratamos da lei da reacção, em que do Mal resulta o Bem, o qual fica em equilibrio instavel e o Mal no estado latente. Poderemos com toda a exactidão chamar ao primeiro—Bem provisório; ao segundo—Mal potencial. Como exemplo tinhamos adduzido a lenda de Saturno, extrahida Mythologia. Saturno tem de reinar durante um periodo que nos parece extremamente longo, porque, em virtude do crime praticado, não pode ser destronado senão por um filho, e até que isso succeda está protegido pela acção soberana da lei.

Citaremos outros exemplos, alem dos que já referimos no nosso artigo anterior.

Um individuo sonha uma fortuna consideravel, não propriamente para si, mas com o intuito de deixar os filhos, ainda então pequenos em boas condições de fortuna. Pois bem! Passar-se hão annos, antes que a reacção possa produzir-se; e durante todo este tempo ninguém lhe poderá tirar a fortuna, nas suas mãos ha de prosperar, com grave escandalo das pessoas que têm conhecimento da sua origem, e que ignoram as vias da Providencia.

(Continúa)

CONTOS BREVES

I

A MENDIGA

...Pedia esmola porque as suas pobres mãos encarquilhadas já não serviam para o trabalho, porque o seu corpo, ajoujado com o peso dos annos, se inclinava para o chão, olhando a terra a quem brevemente iria servir de pasto... Luctava pela vida, apesar de quasi morta... Pedia esmola...

*
* *

Era um dia lindo d'agosto e ella lá ia caminhando, pisando as pedras da calçada que, aquecidas por um sol abrasador, queimavam os seus velhos

pés descalços... Havia dois dias já, que não comia. Sua filha, uma transviada da vida que se afogára no pantano lodacento da prostituição e do crime, pedira-lhe chorando, algum dinheiro para o seu amante... Ella deralhe todas as poucas moedas de cobre que possuía...

Das famílias que habitualmente a costumavam socorrer, só uma, por falta de meios, ficára na cidade. Era para a sua porta que se encaminhava. Subio a escada, bateu, esperou. Um padeiro que descia disse-lhe:—Ahi não está ninguém, tiazinha. Saiu-lhes a sorte grande e foram hontem para fóra». Bateu então ás portas dos outros andares. Em todos lhe deram a esmola dum carinhoso «Tenha paciencia»... Sahiu; foi caminhando até que se encontrou numa ruazinha deserta; sentou-se á borda do passeio e, sem forças já para lutar com a morte, entregou-se-lhe serenamente...

...Era um dia lindo d'agosto e o seu pobre corpo, jazia inerte sobre as pedras ardentes da calçada...

MARIO DE SÁ CARNEIRO

AMOR À VIDA

(Aos distintos poetas Astrigildo Chaves e Mario de Santa Rita).

Se este mundo p'ra vós é um tormento,
Se o acháes triste, vão e maçador,
Se ao vosso torturado entendimento
Já nada faz o balsamo do amor;

Se, ao erguerdes bem alto o pensamento,
Asfixiaes em convulsão de dor,
Se os risos vos inspiram só horror,
E de tédio morreis n'este Convento;

Se o mundo não é mais que podridão,
Se nada existe n'ell' que vos conforte,
Se tendes o remedio em vossa mão

N'um copo de veneno ou n'um punhal;
Porque não ides procurar a Morte,
Deixando em paz a dôr Universal?!

MANUEL CHAGAS

Medicos...

(Para o Dr. Xavier da Silva)

—«Anda! Senta-te aqui ao pé de mim.
Porque choraste tu hontem á tarde?
Não tremas, meu Amor, não tremas... Arde,
Abraza o teu rosto de jasmim.

Tu receias talvez que eu vá soffrer
E por isso me occultas essa magoa...
Mas trahem-te os teus olhos rasos d'agua —
Livros que eu sei de cór, de tanto os lèr!

Ora diz lá a verdadinha clara:
Não foi porque o douctor fez tão má cara
D'esta maldita tosse me atacar?

Mas tu não sabes o que são doutores?!
E receitou, vê tu! para estas dores
Que só a Velha cura, ou o teu Olhar...»—

Novembro, 1908.

ASTRIGILDO CHAVES.

MUSA GALHOFEIRA

Glosa

(Retardada).

Senhora dos olhos lindos
Dizei-me porque os fechaes?
Bem sabeis que são ladinos,
E bellos até de mais.
A côr é negra, bem sei,
D'esses olhos que pintei,
N'uma noite de luar,
Dentro do meu coração;
E . . . agora, por compaixão,
Dae-me a esmola d'um olhar.

ALGARVIA

MOTTE

Eu quero ser criminoso,
Se ter amor é um crime

Glosas

Se p'ra me qu'eres. é forçoso
Que um crime por ti commetta,
Acredita, ó Henriqueta,
«Eu quero ser criminoso!»
Por ti... assassinarei!...
Sim, matarei, ó queridinha,
Por exemplo... uma gallinha
Que contigo comerei!...
Embora me desanime
Teu sorriso desdenhoso,
Eu vou ser um criminoso,
«Se ter amor é um crime!...»

SIRCOANERA

N'este viver horroroso
Sinto meu peito estalar.
Se é crime um homem amar
Eu quero ser criminoso.
Ter um idyllio amoroso
é devaneio sublime
Porque só o amor redime.
Por isso aos grandes talentos
Pergunto n'estes lamentos.
Se ter amor é um crime.

ELMINO

Se o amar é deshonroso,
Mande o Juizo d'Instrucção,
Levar-me para a prisão;
— Eu quero ser criminoso!
Mas se no globo inditoso,
Toda a falta se ridime.
Sem que a suspeição anime,
Consulta-se a natureza,
E ella dirá, com certeza,
Se ter amor é um crime?!

A. PIROU

Motte a glosar

Lindo amor, que me matais,
Com tão grande ingratição.

Cumulos

Deitar agua no *Pote das almas*.

Metter n'um dedo o anel de Saturno.

Carregar uma espingarda com cartuchos
d'amendoas.

Fazer uma roda com raios de sol.

Partir um pé ao Banco de Portugal

No cemiterio...

A noite é escura e fria. Além no cemiterio
Um murmurio s'evola em tom plangente e
agreste...
E' o vento a gemer nos ramos do cypreste
E o cantico sombrio d'um passaro funéreo!

N'esse campo tristonho, inerte e solitario
Onde a morte apagou vestigios d'esta Vida,
Jaz teu corpo, mulher — materia apodre-
cida —
Um corpo que eu amei nas lides do Fadario!

Mulher! quando nasceste, immaculada e
pura,
Foste a luz d'uma aurora immensa de Can-
dura,
O alegre despertar da flôr em seu hastil!

Porém, foste cahir na podridão do Vicio!
E nada transformaste em horrido supplicio,
Vendendo a carne impura á sociedade vil!

Lx.^a, 1-12-908.

MAC-ILLERNO

O meu amigo

N'este occulto sacrario, onde eu abrigo
O gelido cadaver do passado,
Tontas chyméras d'esse tempo antigo,
— Cinzas que o vento arremessou irado!

Fica-se ás vezes a fallar commigo
Esse cadaver infeliz, gelado...
Chama-me então «o seu melhor amigo»
Fico de ouvil-o, quanta vez, cançado!

Disse-lhe um dia: «Vou-me embora, vou...»
Tristemente o espectro me fitou
E respondeu-me pouco mais que isto:

Não... não supponhas que me dás pezar,
Não tenhas medo d'este meu fallar
Porque, acredita, nem sequer existo!

MARIO DE SANTA-RITA

CURIOSIDADES

Pombos fotografos.—Comberg, farmacéutico allemão, em Neubrouner pensou em utilizar os pombos correios, em caso de guerra, com o fim de obter fotografias de praças sitiadas e fortificações inimigas.

Inventou um appparelho fotografico adaptavel ao peito da ave que não chega a pesar 70 gr. e que por meio dum mecanismo posto em movimento quando o pombo parte, permite obter trinta vistas consecutivas com intervallos de meio minuto, o que equivalle á representação fotografica de 15 km.

Teem-se feito experiencias deste novo meio de exploração militar e os resultados teem sido altamente satisfatorios.

Entre outras fotografias interessantes o auctor, conseguiu obter as do parque do castello imperial do Friedrichsöf, onde é terminantemente proibida a entrada ao publico e por consequencia aos fotografos.